

O ENSINO DA LINGUA INGLESA PARA CRIANÇAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO BILINGUISMO NA INFÂNCIA

Lilian Kasey da SILVA (Graduanda/UEPB)
Ana Carolina Dias da COSTA (Mestre/UEPB)

Resumo: Acompanhamos nos últimos anos o forte crescimento da oferta e procura de escolas bilíngues no Brasil, como uma forma de integrar crianças no ensino da língua inglesa. Frente ao cenário de globalização que enfrentamos, juntamente ao discurso da importância do estudo de inglês no meio infantil, é necessário discutir sobre as implicações do ensino da língua inglesa numa fase que chamamos de “precoce”. Neste trabalho, discutiremos o ensino e aquisição do inglês no período da pré-escola, exploraremos as implicações deste ensino no discurso de autores e defensores da Hipótese do Período Crítico (HPC). Diante das diferentes opiniões e teorias da HPC, questionamos como o período crítico contribui para o desenvolvimento da língua inglesa na infância e a forma como o aprendizado da língua se desenvolve nessa faixa etária. Abordaremos as ideias de teóricos, tais como Singleton e Ryan (2005), Lenneberg (1967), Mello (2010), dentre outros, assim como teorias referentes ao período crítico, para uma melhor explanação do assunto.

Palavras-chave: ensino bilíngue infantil, Hipótese do Período Crítico, língua inglesa, bilinguismo na infância

Introdução

Na sociedade cada vez mais globalizada em que vivemos, o inglês se destaca como a língua universal. É através do inglês que os povos se comunicam com mais facilidade, e por isso ele se tornou a segunda língua estrangeira mais falada do mundo. Hoje, falar inglês não é somente um diferencial, mas um requisito para preencher cargos e até mesmo abrir portas para novas oportunidades.

Devido a isso, tem sido grande a oferta de cursos de inglês, da mesma forma a procura de aulas, e na última década vimos o forte crescimento de escolas de educação infantil bilíngues. Assim como também se tornou comum crianças estudarem inglês cada vez mais cedo, e pais interessados em matricular seus filhos em escolas internacionais ou de metodologia bilíngue.

Tendo como base esta última informação, questionamos as implicações do desenvolvimento da língua inglesa em crianças no período da primeira infância. Há algum argumento que vai contra a ideia de inserir a criança no ensino da língua inglesa em seus

primeiros anos de vida? Isso poderia lhe causar algum malefício ou prejudicar o desenvolvimento da sua língua materna?

Questionamos também se há um período na vida da criança na qual ela possa desenvolver com mais facilidade a língua inglesa, abordando teóricos que são contra ou a favor da existência desse período. São questões como essas que nos levam a discutir as teorias a respeito do ensino bilíngue infantil, analisar as hipóteses sobre a aquisição da língua e os motivos pelos quais cada vez mais cedo as crianças são incluídas no ensino da língua inglesa.

Hipótese do Período Crítico e suas definições

Existe uma hipótese que discute a existência de um período na vida humana no qual é possível adquirir uma língua, seja L1 ou L2, hipótese essa conhecida como a Hipótese do Período Crítico, ou HPC. O fim desse período também arremata ao fim da possibilidade, ou maior dificuldade, de um indivíduo aprender uma língua. Desde que começou a ser discutida com base científica, por volta dos anos 1950, a HPC conquistou teóricos que a defendiam e outros que eram contra.

A HPC fundamentou-se de vários estudos de casos de isolamento linguístico para sustentar suas ideias, pois, em suma, dizia-se que o período de aprendizagem linguística iria da fase inicial da infância até a puberdade.

Em seus estudos na obra *Biological Foundations of Language*, Lenneberg (1967) defendeu o ponto de vista de que o período crítico ocorre a partir dos dois anos de idade e se prolonga até a fase adolescente do ser humano. Ultrapassando esse período, o indivíduo possui certa dificuldade para adquirir ou reintegrar-se na língua.

Singleton e Ryan (2004, p. 32) definem o período crítico como um período limitado em que o indivíduo é capaz de desenvolver ou adquirir uma habilidade ou competência específica. Os autores apontam que este período tem duração limitada e definida, e passado este período, a habilidade ou atividade em questão não é mais adquirida.

Segundo o pesquisador Lenneberg (1967), é no período da puberdade que ocorre a lateralização do cérebro no ser humano, onde as funções linguísticas são estabelecidas e organizadas.

Lenneberg (1967) usa explicações neurológicas para justificar a existência de um período crítico. Muitas das mudanças eletroquímicas do cérebro se estabilizam por volta dos 10-12 anos. Além disso, as funções linguísticas são estabelecidas para um dos lados do cérebro e essa lateralização do cérebro, conforme o pesquisador, se finaliza na puberdade. (LIMA JR., 2013, p. 227-228)

Entendemos, pois, que, para Lenneberg (1967), a neuroplasticidade tem papel importante na definição do período crítico, pois as mudanças neuroquímicas que ocorrem no cérebro durante a evolução do indivíduo se evidenciam no período da adolescência, e dessa maneira pode-se identificar uma maior dificuldade para adquirir uma nova língua, passado esse período.

Se compararmos as ideias apresentadas até aqui, vimos que, apesar de Singleton e Ryan (2003) e Lenneberg (1967) fundamentarem ideias próximas para a definição de período crítico, elas diferem em alguns sentidos. Enquanto Singleton e Ryan (2003) defendem que após o término do período crítico o indivíduo fica incapacitado de desenvolver alguns comportamentos relevantes, Lenneberg (1967) defende que a habilidade pode ser adquirida sim, todavia com algumas dificuldades devido ao tempo “ultrapassado”. Vale lembrar que a ideia apresentada por Singleton e Ryan (2003) faz referência a alguma habilidade natural do ser vivo, e os estudos de Lenneberg (1967) são voltados para a aquisição da língua pelo ser humano.

Tais ideias convergem ao concordarem que o período crítico é um termo biológico usado para definir o período em que o indivíduo é capaz de desenvolver alguma habilidade relevante. Singleton (2003) aponta que o desenvolvimento linguístico de aprendizes tardios tem certa dificuldade, mas não quer dizer que falhe totalmente.

Birdsong (1999 apud LIMA JUNIOR, 2013, p. 3) defende o ponto de vista que a habilidade de desenvolver a L1 ou L2 declina com o passar do período crítico, o qual ele diz ser uma janela de oportunidade. Mas que durante esse período limitado é possível aprender uma L1 ou L2 como nativos.

Rodrigues et al. (2016, p. 1) mencionam em sua pesquisa a reflexão dos neurocientistas Penfield (1959) e Roberts (1967), a qual sugere que a capacidade de aprender novas línguas se evidencia nas crianças até os nove anos de idade. Além disso, o estudo de

línguas estimula funções cognitivas do cérebro, auxiliando também no aprendizado de outras disciplinas.

Podemos comparar aqui as ideias mencionadas por Lenneberg (1967) com as de Penfield e Roberts (1959) no que se refere ao limite do período crítico. Lenneberg defende que o período crítico se estende até a puberdade, enquanto, alguns anos antes, Penfield e Roberts defendem uma idade menor. Isso devido à plasticidade cerebral, o qual eles afirmavam ser essa a idade limite.

Alguns pesquisadores, por sua vez, desacreditam na existência de um período crítico para o aprendizado de línguas. O neurolinguista Petter Indefrey, por exemplo, defende que o período crítico é um mito:

o que se percebe é um declínio gradual na proporção de pessoa que aprendem uma segunda língua e passam a falá-la com a mesma proficiência que têm na língua materna. Mas sempre se achará alguém que fala uma segunda língua perfeitamente, mesmo que tenha começado a aprendê-la tardiamente. Esse declínio gradual começa em idades diferentes para aspectos diferentes da língua. (INDEFREY, 2007 apud FRIZZO, 2013, p. 44)

Levando em consideração as teorias referentes à Hipótese do Período Crítico, podemos levantar algumas conclusões que não sejam extremas ou generalizadas, pois como o próprio nome apresenta, este é um tema que levanta hipóteses até os dias atuais, o qual pensadores, linguistas e neurocientistas estão frequentemente debatendo a respeito.

Até aqui, compreendemos com Lenneberg (1967) a HPC como um período limitado da vida do indivíduo o qual ele é capaz de desenvolver ou adquirir uma língua, mas que esse período pode ocorrer de forma diferente nos demais, em aspectos linguísticos diferentes, que a forma como o indivíduo se desestabilizou linguisticamente pode afetar esse re(ingresso), dentre outras várias hipóteses apresentadas por pesquisadores tais como Singleton e Ryan (2003), Penfield e Roberts (1959), Indefrey (2007), R. M. Lima Junior (2013), Birdsong (1999b), dentre outros citados até então.

Neuroplasticidade quanto ao processo de aprendizagem de línguas

De acordo com Relvas (2009) a plasticidade cerebral, ou neuroplasticidade, é a capacidade que o cérebro tem de se organizar ou adaptar-se a situações durante a vida do indivíduo. É uma característica que o sistema nervoso possui voltada para o estímulo cerebral, e está ligado totalmente a nossa capacidade de aprender.

O neurocirurgião Wilder Penfield (1959) afirmou que nos primeiros anos de vida a criança aprende idiomas, técnicas, estratégias e conteúdos novos de forma mais rápida, pois o cérebro ainda não entrou na fase de perda de plasticidade, e esta pode ser identificada já a partir da adolescência. No que se trata de HPC e aprendizagem de novas línguas, não significa que um adulto seja incapaz de aprender, apenas uma maior dificuldade, como menciona Ronaldo Manguiera em seu estudo sobre HPC: “Apesar da crescente dificuldade de aquisição com o aumento da idade, não existe uma idade biológica após a qual absolutamente nenhum aspecto ou item de uma língua, L1 ou L2, não possa ser aprendido/adquirido” (LIMA JR., 2013, p. 226).

De acordo com Lent (2010) o desenvolvimento cerebral e sua plasticidade ocorrem num período que vai da primeira infância até os dez anos de idade, e como explica Boni (2016, p. 4), é na infância que a plasticidade cerebral ocorre com mais intensidade e diminui com o passar dos anos. Mas ela não se encerra, perdura até a morte. Se levarmos isso para o que se refere à aprendizagem de línguas, podemos compreender que não é impossível que o indivíduo aprenda a L2; ele apenas terá um nível de dificuldade maior que uma criança, devido à neuroplasticidade, pois para Pinheiro (2007)

O cérebro em desenvolvimento é plástico, ou seja, capaz de reorganização de padrões e sistemas de conexões sinápticas com vista à readequação do crescimento do organismo às novas capacidades intelectuais e comportamentais da criança. Assim considera-se que os neurônios em desenvolvimento apresentam uma maior capacidade de adaptabilidade do que as células já maduras, e, durante o período crítico, tem-se uma plasticidade mais acentuada. (BONI, 2013, p. 4)

Como citado em Boni (2013, p. 4), o cérebro é mutável a cada experiência nova, isso nos leva a compreender que o desenvolvimento da aprendizagem vai depender também do

estímulo que o cérebro recebe. Aprender uma nova língua após o período crítico, ou realizar atividades consideradas desafiadoras, irá estimular áreas do cérebro que estavam “dormindo”.

Dessa forma compreendemos que Lenneberg (1967) defende que a lateralização do cérebro ocorre a partir da puberdade, e a função que processa a aquisição de idiomas é assumida pelo lado esquerdo na maioria dos destros, propondo que o domínio de uma L2 torna-se mais difícil ou menos bem sucedido, após o período crítico, devido a esta lateralização. As ideias do autor coincidem com as ideias apresentadas anteriormente por outros autores, no que se refere a neuroplasticidade e sua contribuição para a aprendizagem das línguas.

A aquisição da língua inglesa durante a primeira infância

Hoje é comum vermos crianças em escolas de idiomas cada vez mais cedo, o período de globalização nos leva a preparar nossos futuros adultos para este mundo globalizado e digitalizado. O domínio de uma L2, neste caso, a língua inglesa, proporciona grandes oportunidades e abre janelas.

Como já discutimos até aqui, durante o período da primeira infância, há uma facilidade maior para desenvolver o idioma. Existem várias teorias que podem explicar o desenvolvimento da aquisição da linguagem. Quadros (2007) afirma em sua pesquisa *Teorias de aquisição da linguagem*:

É enorme o progresso que tem sido feito nos últimos cinquenta anos e hoje sabemos muito mais sobre o que as crianças fazem quando adquirem uma língua. Temos hoje formas cada vez mais sofisticadas de testar o conhecimento linguístico e não linguístico disponível às crianças desde a mais tenra idade. (QUADROS, 2007, p. 6)

A pesquisadora também explica que não há uma abordagem ou teoria única para desenvolver esses aspectos linguísticos na criança. “Ao contrário, várias são as perspectivas teóricas adotadas e elas contribuem, em alguma medida, para uma melhor compreensão de como se dá esse impressionante processo”. (QUADROS et al., 2007, p. 6).

Finger (2007, p. 9-15) apresenta em *A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista* os conceitos dessa abordagem e seus resultados, nos fazendo compreender que o

processo de aprendizagem, seja verbal ou não, depende dos fatores externos os quais o aprendiz é submetido. E no que se refere à concepção de linguagem pela perspectiva behaviorista a aquisição da linguagem é vista como uma atividade que requer experiência e hábito, assim como também da quantidade da língua que é presente no seu cotidiano, e como as pessoas ao seu redor irão oferecer a L2 no dia a dia da criança. É através do hábito e da necessidade de utilizar a linguagem que o indivíduo será capaz de desenvolvê-la e tornar-se experiente no que diz respeito a ela. Isso determinará o sucesso dela no processo bilíngue.

No que diz respeito a aquisição da segunda língua, as ideias da teoria gerativa se encontram com as teorias relacionadas a hipótese do período crítico e da maturação cerebral, assumindo a predisposição do ser humano de desenvolver certas capacidades e habilidades em um determinado período. A respeito disso, Quadros diz o seguinte:

Quanto às possíveis consequências, há várias posições em relação ao acesso às capacidades que estariam latentes, umas mais radicais do que outras. Os estudos de aquisição de segunda língua, por exemplo, apresentam várias evidências de que as capacidades latentes são acessadas depois do período crítico, embora os caminhos sejam um pouco diferenciados dos caminhos possíveis pelos quais a criança que está adquirindo linguagem durante o período crítico passaria. Devido a essa relativização, o ‘período crítico’ passa a ser referido como ‘período sensível’ nos estudos mais recentes, mesmo na perspectiva gerativa. (QUADROS, 2007, p. 48)

De acordo com Finger (2007, p. 80), a perspectiva conexionista sugere que não há um período crítico para a aquisição de uma língua, mas que há um período sensível para a aquisição da aprendizagem em si, sendo esta responsável pelo desenvolvimento de outras aprendizagens futuras.

Conforme já apresentamos anteriormente, não há um consenso entre os teóricos sobre a melhor idade para se aprender a língua inglesa, e o fato de haver um período crítico ou sensível que facilita o aprendizado durante a primeira infância não significa que o desenvolvimento da língua inglesa é impossível após o fim desse período.

O que torna o ensino da língua inglesa efetivo para as crianças é que elas possuem a habilidade de criar significados de acordo com a experiência que elas possuem com a língua, e também a interação delas com tal (PEIXOTO, 2013 apud CAMERON, 2002).

Outra vantagem que podemos apontar sobre o ensino da língua inglesa para crianças é a interação que elas adquirem com o mundo em globalização. Parte das crianças que recebem essa modalidade de ensino também possuem contato com equipamentos digitais, vídeos, músicas internacionais, e outros tipos de tecnologia de informação. “Crystal (2003) já apontava a LI como um símbolo da globalização e do progresso, sendo ela essencial para a comunicação em diversas áreas, inclusive em contextos acadêmicos.” (PEIXOTO, 2013. p. 119). Os pais que matriculam seus filhos em centros de ensino de LI, em suma, se preocupam com o futuro profissional deles e suas oportunidades no mercado de trabalho ou em vagas importantes em universidades estrangeiras.

Considerações finais

Antes de apresentarmos nossas conclusões a respeito do trabalho desenvolvido, é importante lembrar os principais questionamentos trazidos pelos pesquisadores. Abordamos aqui as principais teorias a respeito do período crítico voltadas para o aprendizado e aquisição da língua inglesa, questionamos a existência da melhor idade para aprender inglês, assim como as implicações do bilinguismo precoce.

Para Mello (2010), a educação bilíngue implica-se em ter o contato com duas ou mais línguas no cotidiano do indivíduo. Compreendemos, pois, que a criança bilíngue tem a capacidade de processar duas línguas nas suas interações cotidianas, de acordo com as experiências que ela tem através dessa língua. O bilinguismo infantil pode resultar então em desenvolver crianças preparadas para um mundo globalizado, onde cada vez mais países estão se conectando e expandindo suas formas de comunicação.

Outra problemática do presente trabalho seria a melhor idade para aprender a língua inglesa e sua forma de desenvolvimento no indivíduo durante a primeira infância. Consideramos, pois, que de acordo com as teorias abordadas, não há uma idade exata para aprender a língua inglesa, o que as teorias da hipótese do período crítico defendem é que as crianças possuem uma facilidade maior para adquirir a L2 devido à plasticidade cerebral que se prolonga até a puberdade, percebendo a partir daí, um declínio na capacidade de aprendizado.

O que se pode dizer também, de acordo com as teorias apresentadas, é que uma criança que tem contato com a língua inglesa, que possui interação e experiências com a língua apresenta uma desenvoltura mais parecida com um “nativo” do que aqueles que só tiverem contato com a língua após o período considerado crítico para aprender.

No que se refere à forma como a língua inglesa se desenvolve na criança, consideramos que não existe uma fórmula exata para que ela aprenda, pois isso dependerá das experiências prévias da criança, do contato que ela possui com a língua, da interação e quantidade que a língua inglesa é presente em seu cotidiano.

Podemos considerar como efetivo o ensino da LI para crianças, pois a capacidade que o cérebro delas possui de se adaptar à língua auxilia no processo de aprendizagem. Todavia, é importante ressaltar que fatores externos podem influenciar no desenvolvimento delas; por isso, algumas crianças podem apresentar mais dificuldades que outras.

Referências

BONI, Marina.;WELTER, Maria Preis. Neurociência cognitiva e plasticidade neural: um caminho e ser descoberto. *Revista Saberes e Sabores Educacionais*, v.16, n. 3, 2016, p. 4-6.

FRIZZO, C.E. *O processo de aquisição e aprendizagem de línguas e o bilinguismo*. Ijuí: UNIJUÍ, 2013.

HURDFORD, J.R. *The evolution of the critical period for language acquisition*. Linguistics Department, University of Edinburgh. Cognition. [aSP]: (1989b, p. 159-201).

LENNEBERG, E. *Biological foundations of language*. Nova Iorque: John Wiley, 1967.

LIMA JR., R. M. A hipótese do período crítico na aquisição de língua materna. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, 2013.

LIMA JR., R. M. A hipótese do período crítico na aquisição de língua materna. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, 2013.

MAYO, M.P. García; LECUMBERRI, M.L. Garcia. *Age and the Acquisition of English as a foreign Language*. Multilingual Matters, 2003.

MELLO. Educação bilíngue: uma breve discussão. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 1, p. 118-140, 2010.

PEIXOTO, Vania Cezar. JAEGER, Aline. Ensino de língua inglesa para crianças: Sim ou não? As crenças de uma família em relação às línguas adicionais. *Revista Entrelinhas*, v. 7, n. 1, p. 105-121, jan.-jun. 2013.

PIETTA, A.C. *O período crítico de aquisição da linguagem e as influências na aquisição de L2: questões teóricas*. Chapecó: UFFS, 2016.

RIO, Vivian Cristina. Qual o idioma mais falado do mundo? São Paulo: 2018. *Nova Escola*, São Paulo. Entrevista concedida a Renata Costa. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/309/qual-e-o-idioma-mais-falado-do-mundo> Acesso em: 6 mai. 2018.

RODRIGUES, Eva alii. Cognição e aquisição de língua estrangeira na infância: Um relato de experiência. *Revista de Projetos Comunitários e Extensão*, 2016.

SINGLETON, David. The critical period hypothesis: some problems. *Interlinguística*, n. 17, p. 48-56, 2007.